

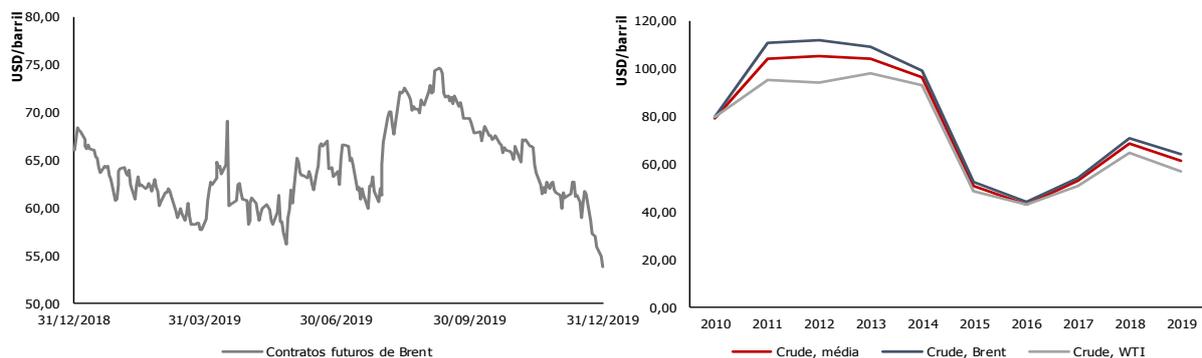


Determinantes do mercado petrolífero em 2019 e perspectivas para 2020

O mercado petrolífero em 2019 foi marcado pelos cortes da OPEP e pela robustez da produção dos EUA no lado da oferta e pela desaceleração da procura em resultado de factores como a tendência de descarbonização da economia e o abrandamento económico mundial. Este artigo visa abordar os principais determinantes da oferta e da procura de petróleo em 2019 e perspectivar o comportamento deste mercado em 2020, abordando também os principais desafios dos países petro-dependentes para os próximos anos.

Num ano marcado pelos cortes da OPEP e pela robustez da produção dos EUA no lado da oferta do mercado petrolífero e pela desaceleração da procura em resultado de factores como a tendência de descarbonização da economia e o abrandamento económico mundial, a cotação do barril de crude registou uma redução média de cerca de 10% em 2019. Este artigo visa abordar os principais determinantes da oferta e da procura de petróleo em 2019 e perspectivar o comportamento deste mercado em 2020. Adicionalmente, aborda-se os principais desafios que os países petro-dependentes irão enfrentar nos próximos anos.

Figura 1: Evolução dos preços do petróleo



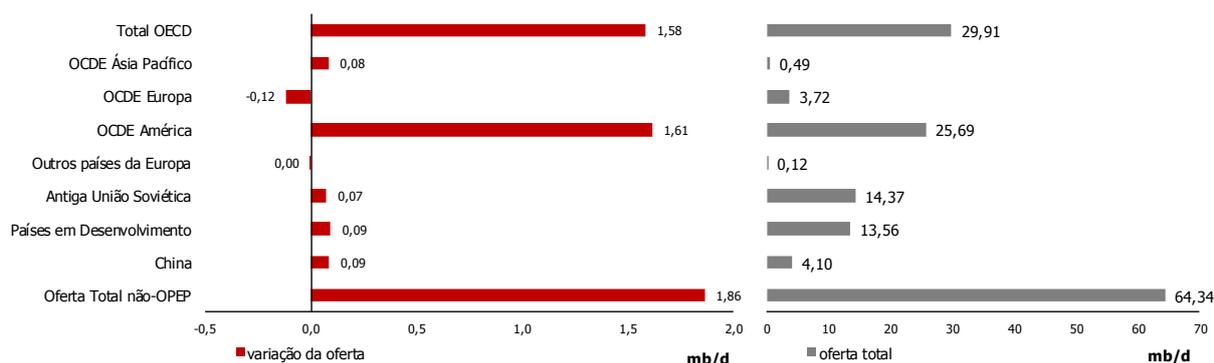
Fonte: Investing.com, *World Bank Commodity Price Data (The Pink Sheet)*, Janeiro 2020

Determinantes da Oferta em 2019

A oferta mundial de petróleo em 2019, de acordo com a OPEP¹ e as suas fontes secundárias, diminuiu 0,11% em relação a 2018 (-0,11 mb/d). O aumento de produção dos países não-OPEP, com destaque para os EUA, influenciou positivamente a oferta da matéria prima. Por outro lado, os cortes de produção da OPEP e os ataques às instalações petrolíferas da Arábia Saudita condicionaram a produção do cartel, tendo este conjunto de países registado em 2019 um nível de produção inferior ao ano anterior.

De acordo a OPEP, a oferta de petróleo dos países não-OPEP em 2019 aumentou 1,86 mb/d, atingindo uma média de 64,34 mb/d. O aumento da oferta dos países não-OPEP em 2019 ficou abaixo das estimativas iniciais (de Julho de 2018), nas quais se antevia um aumento de 2,10 mb/d, devido, essencialmente, à evolução abaixo do esperado no Canadá, Brasil, Noruega, Cazaquistão, China e Rússia. De acordo com estimativas da organização, os EUA, Brasil, Canadá, Rússia e China foram os principais responsáveis pelo aumento da oferta em 2019, estimando-se que o México e a Noruega tenham registado os maiores declínios.

¹ *Monthly Oil Market Report* de Janeiro de 2020

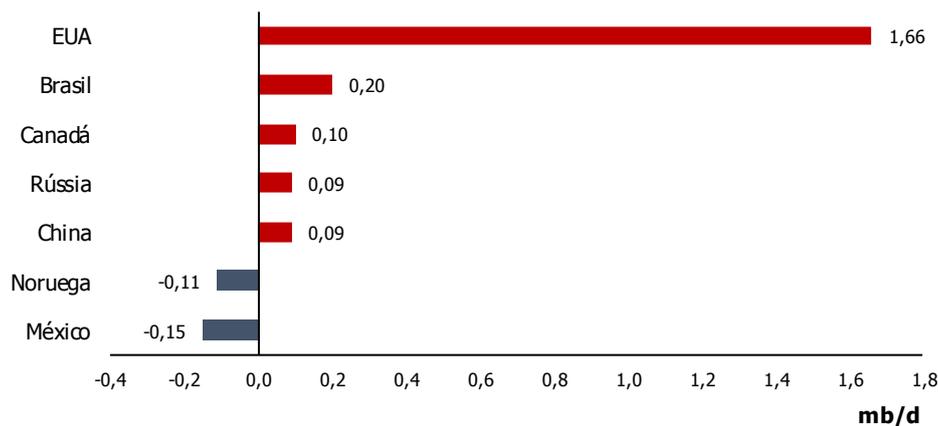
Figura 2: Variação da oferta e oferta total de petróleo dos países não-OPEP em 2019

Fonte: OPEP, *Monthly Oil Market Report* - Janeiro 2020

Os EUA, maior produtor mundial de petróleo, registaram, segundo a OPEP, um aumento da oferta de 1,66 mb/d em 2019, a maior entre os países não-OPEP. A contribuir para este aumento de produção destaca-se o desempenho das formações de xisto e a expansão de infra-estruturas petrolíferas no Texas e no Novo México.

A produção dos EUA teve, contudo, um abrandamento do crescimento este ano. Depois do crescimento de 2,3 mb/d registado em 2018, um crescimento recorde, a produção norte-americana foi afectada, sobretudo, pela pressão dos investidores das empresas petrolíferas para que estas focassem a sua actividade nas unidades mais produtivas de forma a aumentarem a sua rentabilidade, o que resultou num crescimento de produção mais moderado. Adicionalmente, os EUA também sofreram disrupções de produção devido a condições climáticas, como o furacão Barry.

A Noruega, que anunciou um desinvestimento do fundo de pensões do Governo em energia fóssil e uma diminuição de produção devido ao ciclo das actuais explorações, e o México, onde a empresa estatal de exploração petrolífera tem desinvestido devido à falta de recursos e certos campos de petróleo foram danificados devido a sobreexploração, registaram quebras de produção em 2019 de 0,11 mb/d e 0,15 mb/d, respectivamente.

Figura 3: Variação da oferta de petróleo em países não-OPEP destacados em 2019

Fonte: OPEP, *Monthly Oil Market Report* - Janeiro 2020.

O ano de 2019 foi também marcado pelo aumento dos cortes de produção da OPEP e dos seus aliados. O World Bank estima que desde o início de 2019 os cortes de produção da organização tenham superado o acordado em cerca de 50%, devido essencialmente à diminuição da produção da Arábia Saudita. Depois de em Julho deste ano terem sido anunciados novos cortes de produção, passando os mesmos a ser de 1,2 mb/d até Março de 2020, no início de Dezembro os cortes foram reforçados em mais 500 mil barris por dia, ao que se acrescenta o corte de 400 mil barris de forma voluntária pela Arábia Saudita. Desta forma antevê-se que no primeiro trimestre de 2020 o corte ascenda aos 2,1 mb/d, o que representa cerca de 2% da oferta de petróleo global.

Recorde-se que os cortes de produção da OPEP já duram há três anos e começaram quando em 2016 os preços do petróleo atingiram mínimos de 12 anos.

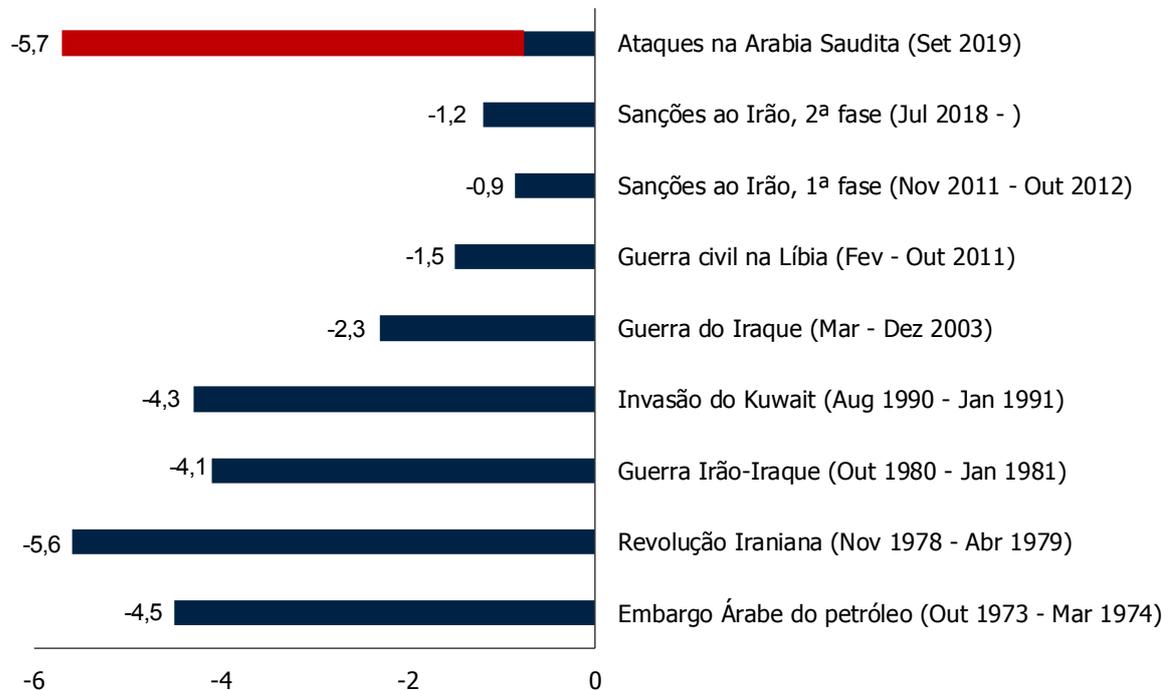
Este ano a produção mundial de petróleo também foi severamente afectada, embora de forma temporária, por ataques realizados por drones e reivindicados por um grupo de rebeldes apoiados pelo Irão, a instalações petrolíferas da Arábia Saudita no passado dia 14 de Setembro. Estes ataques provocaram uma redução de 5,7 mb/d na produção, o que representa cerca de metade da produção Saudita e mais de 5% da oferta mundial actual. A redução de produção Saudita em consequência destes ataques foi a maior quebra de produção verificada na história na sequência de conflitos, o que é visível na Figura 4.

No primeiro dia de mercado após o ataque, a cotação dos contractos futuros de Brent valorizou cerca de 15%, a maior subida registada num dia. Contudo, a Arábia Saudita restaurou rapidamente a sua capacidade produtiva, o que contribuiu juntamente com a desaceleração da procura mundial para que no final de Setembro as cotações petrolíferas voltassem aos níveis anteriores ao ataque. Apesar de presentemente a produção petrolífera ser mais diversificada e os riscos de interrupção de abastecimento terem sido reduzidos, estes ataques evidenciam que os eventos geopolíticos continuam a ter um importante impacto no mercado e se podem traduzir em alterações significativas

dos preços.

Figura 4: Grandes disrupções na oferta petrolífera em resultado de conflitos

milhões de barris / dia

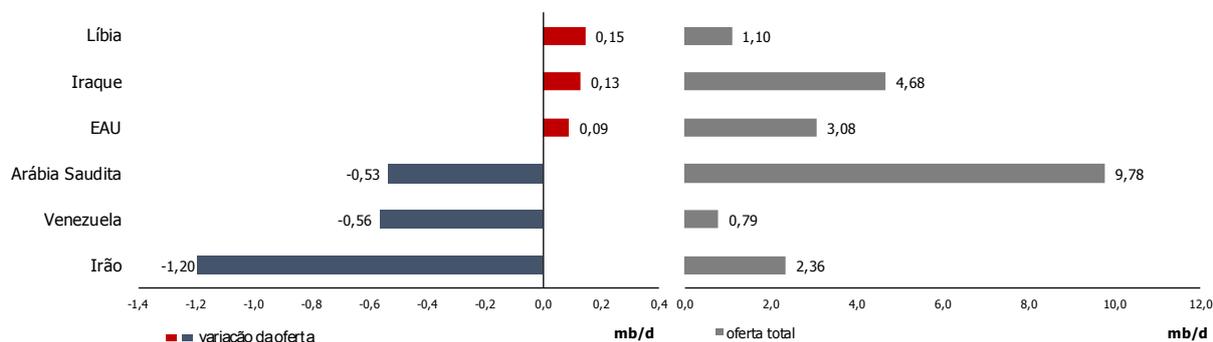


Fonte: Adaptado de *Commodity Markets Outlook*, Outubro 2019 World Bank; International Energy Agency e World Bank.

Nota: O impacto inicial dos ataques na Arábia Saudita é assinalado a vermelho, enquanto o impacto total no mês de Setembro é assinalado a azul.

Em 2019, de acordo com fontes secundárias da OPEP, a produção de crude nos países da organização caiu cerca de 6% (-2 mb/d) relativamente ao ano anterior. Entre os países da OPEP destaca-se as quebras de produção em 2019 do Irão, da Arábia Saudita e da Venezuela. A afectar a produção Saudita esteve os já referidos cortes de produção e o ataque às instalações petrolíferas. O Irão tem sido alvo de sanções pelos EUA que se reflectem na sua produção petrolífera, dados os condicionamentos do país em estabelecer relações comerciais com terceiros para escoar a sua produção. A Venezuela, por sua vez, também tem sofrido sanções pelos EUA, sendo a indústria petrolífera do país também afectada pela falta de energia generalizada e pela má gestão e falta de investimento dos últimos anos no sector.

Figura 5: Variação da oferta e oferta total de petróleo em 2019 dos países da OPEP destacados



Fonte: OPEP, *Monthly Oil Market Report* – Janeiro 2020

Determinantes da Procura em 2019

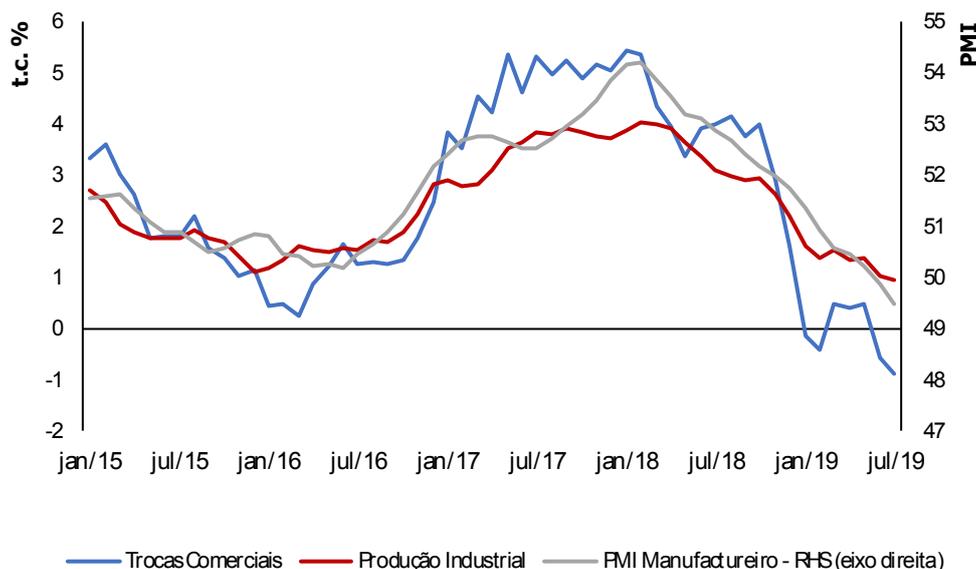
A procura mundial por petróleo em 2019 aumentou 0,93 mb/d, situando-se em 99,77 mb/d, de acordo com a OPEP, continuando-se a registar um abrandamento da procura. Em 2018, a procura global pela matéria prima aumentou 1,41 mb/d, enquanto em 2017 tinha aumentado 1,72 mb/d. Para o World Bank ², em 2019, o crescimento da procura por petróleo foi de 1% ou de 1 mb/d, o que corresponde ao ritmo de crescimento mais baixo desde 2012.

A diminuição do crescimento da procura global por petróleo em 2019 foi determinada, sobretudo, pelo abrandamento económico mundial, influenciado pelos conflitos comerciais, e pela crescente tendência de descarbonização da economia.

De acordo com estimativas do FMI³, a economia mundial cresceu 3% em 2019, tendo sido o crescimento mais baixo desde 2009. Em 2018 a economia mundial tinha crescido 3,6% de acordo com a instituição. Conforme se observa na figura abaixo, o crescimento da produção industrial global tem desacelerado, o PMI manufactureiro já se encontra em zona de contracção e o crescimento das trocas comerciais tem sido negativo ou abaixo das taxas de crescimento observadas em anos anteriores. Os conflitos comerciais, sobretudo entre os EUA e a China, tiveram um grande impacto no abrandamento económico registado, causando não só uma redução do consumo global, mas também uma desaceleração no crescimento do investimento. Sendo o petróleo a principal fonte de energia da economia mundial, uma desaceleração da actividade económica reflecte-se de forma directa na procura pela matéria-prima.

² *Commodity Markets Outlook* de Outubro de 2019.

³ *World Economic Outlook* de Outubro de 2019.

Figura 6: Evolução da Actividade Económica Global

Fonte: Adaptado de *Commodity Markets Outlook*, Outubro 2019 World Bank; CPB Bureau of Economic Analysis, Haver Analytics, J.P. Morgan, World Bank.

Notas: os indicadores apresentados representam médias móveis de 3 meses. Um Índice de Gestores de Compras (PMI) acima de 50 representa uma expansão da actividade económica, enquanto abaixo de 50 indica uma contração. As trocas comerciais são avaliadas considerando uma média dos volumes de exportações e importações.

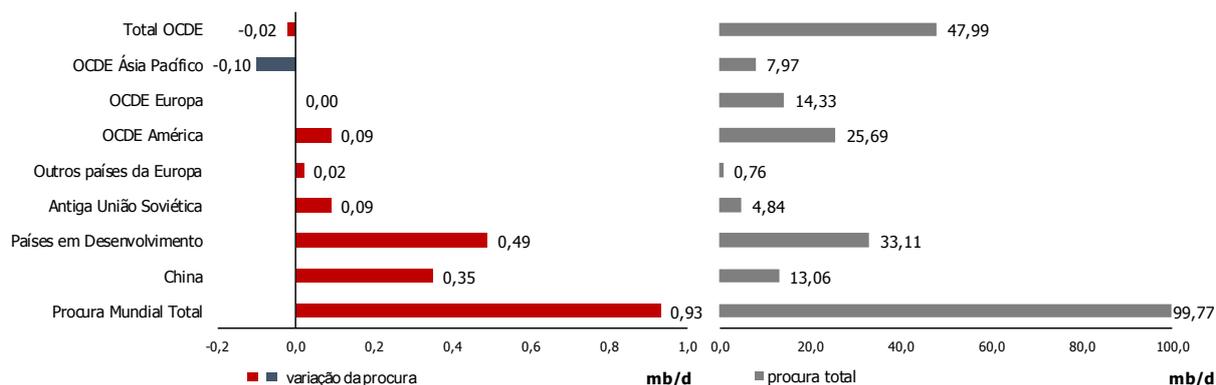
Legenda: t.c. - taxa de crescimento.

Segundo a OPEP, entre os países da OCDE, o aumento de procura (+0,09 mb/d) da região OCDE América não foi suficiente para compensar a quebra de procura significativa (-0,10 mb/d) da OCDE Ásia-Pacífico, tendo a região como um todo registado uma diminuição da procura de cerca de -0,02 mb/d, dado que a OCDE Europa manteve a procura. A evolução da procura na OCDE ficou abaixo do esperado, devido, sobretudo, aos desempenhos da procura na OCDE América e na OCDE Ásia-Pacífico. O crescimento da procura na OCDE América foi influenciado negativamente pelo abrandamento da actividade manufactureira e da construção na região, sendo, por outro lado, impulsionado pelo aumento de produção das fábricas de transformação de etano em plástico.

Nos países não-OCDE, e de acordo com a OPEP, a China e a região Outra-Ásia⁴ destacam-se no crescimento da procura por petróleo em 2019, com aumentos de 0,35 mb/d e 0,27 mb/d, respectivamente. É esperado que o crescimento da procura nos países não-OCDE em 2019 tenha sido no total 0,95 mb/d, um resultado abaixo das expectativas, o que se deveu, essencialmente, à redução da necessidade de combustíveis na indústria e nos transportes da Índia.

⁴ Incluída na região "Países em Desenvolvimento" na Figura 7.

Figura 7. Evolução da procura por petróleo em 2019 por região (em mb/d)

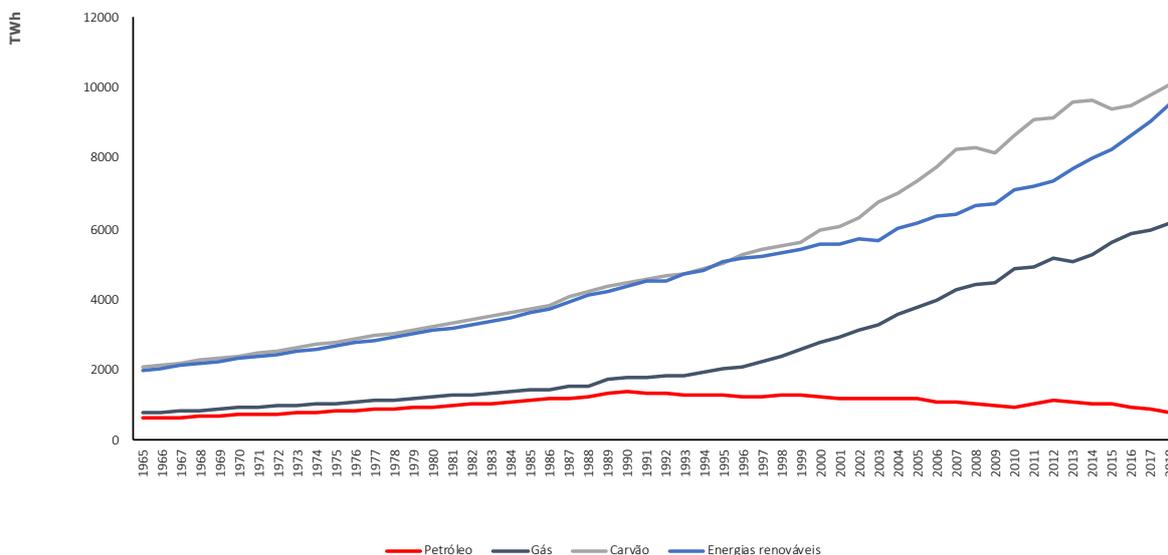


Fonte: OPEP, Monthly Oil Market Report – Janeiro 2020.

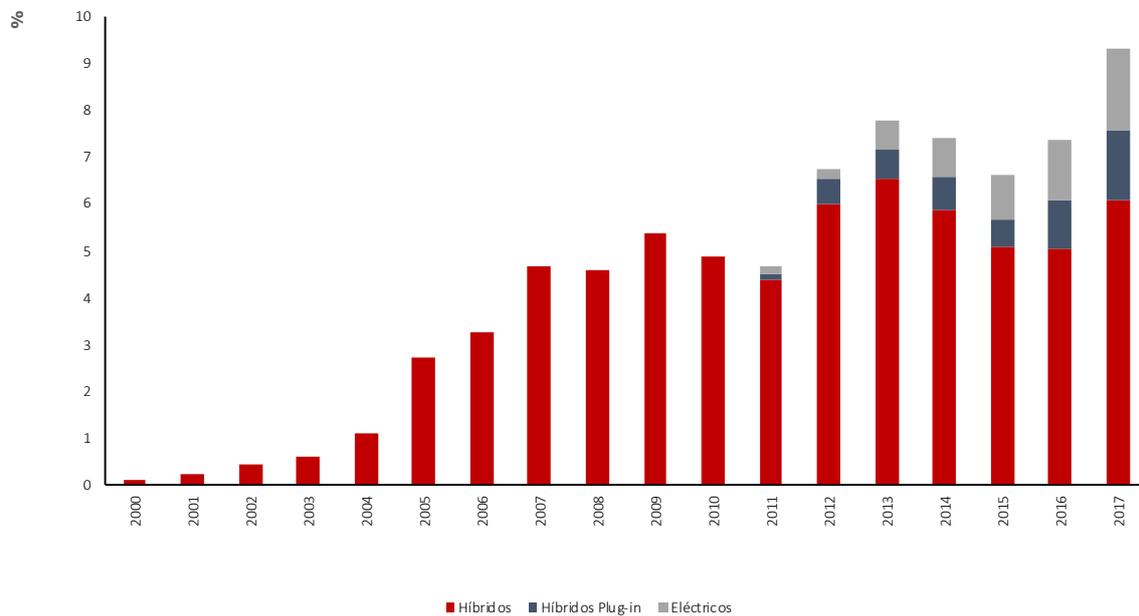
O abrandamento da procura global por petróleo em 2019 também se deve a factores de carácter estrutural relacionados com a descarbonização da economia. Como os gráficos abaixo mostram, inovações recentes como o surgimento dos automóveis eléctricos ou híbridos, ou inovações já com um maior grau de implementação como a produção de electricidade a partir de fontes de energia alternativa têm impactado a procura por petróleo e contribuído para a sua desaceleração.

Figura 8: Substituição do petróleo por fontes de energia alternativas

A. Produção global de electricidade por combustível



B. Representatividade dos veículos movidos por energias alternativas no total de vendas de novos veículos nos EUA



Nota: As energias renováveis incluem as energias hidroelétrica e nuclear (para além dos biocombustíveis, biomassa, energia geotérmica, solar e eólica).

Fonte: Adaptado de *Commodity Markets Outlook*, Outubro 2019 World Bank.

Perspectivas para 2020

As estimativas do preço do petróleo para 2020 apontam para uma redução da cotação da matéria prima. Segundo a EIA e o FMI, o preço do barril de Brent deve situar-se em termos médios em 60,5. Por sua vez, o World Bank e o FMI perspectivam uma cotação média do crude em torno de USD 58. De referir que o Governo Angolano na Proposta de Orçamento Geral do Estado 2020 considera uma cotação média de USD 55 do preço do barril de petróleo, abaixo do estimado pelas instituições internacionais consultadas.

É esperado que no próximo ano a procura por petróleo registe uma ligeira aceleração, assim como a oferta dos países não-OPEP. Relativamente à oferta da OPEP, é esperado que a mesma se mantenha relativamente estável e que se ajuste à diferença entre a procura global e a oferta dos países não-OPEP de forma a sustentar a cotação da matéria prima.

Tabela 1: Perspectivas do mercado petrolífero para 2020

Entidade	Publicação	Indicador	Varição face a 2019	Previsão para 2020
Cotação do barril de crude (USD/barril)				
EIA	Short-Term Energy Outlook - Dezembro 2019	Brent	- 3,42	60,51
		WTI	- 1,73	55,01
World Bank	World Bank Commodities Price Forecast, Outubro 2019	Crude, média ⁵	- 2,00	58,0
FMI	World Economic Outlook, Outubro 2019	Crude, média ⁶	- 3,84	57,94
		Brent	- 3,9	60,49
		WTI	- 2,5	54,96
Procura e oferta de petróleo (em mb/d)				
OPEP	OPEC Monthly Oil Market Report - Janeiro 2020	Oferta dos países não-OPEP	+ 2,35	66,68
		Procura global	+ 1,22	100,98
World Bank/IEA	Oil Market Outlook Report - Outubro 2019	Oferta dos países não-OPEP	+ 2,23	n.d.
		Procura global	+ 1,2	n.d.
Estimativas do Governo de Angola				
Governo de Angola	MINFIN, Orçamento Geral do Estado para 2020	Preço médio das Ramas angolanas (USD/Barril)	0 ⁷	55
		Produção petrolífera (mb/d)	+ 0,0023 ⁸	1,437

Legenda: n.d. - não disponível.

Fonte: EIA, World Bank, FMI, OPEP, IEA, MINFIN.

5 Média do preço do Brent (38° API), do Dubai Fateh (32° API) e do West Texas Intermediate (WTI, 40° API), tendo cada um uma igual ponderação.

6 Média do preço Brent, do Dubai Fateh e do West Texas Intermediate.

7 Tendo como referência o Orçamento de Estado para 2019 Revisto.

Segundo a OPEP, os EUA, a Noruega, o Brasil, o Canadá, a Guiana e a Austrália serão os principais contribuidores para o aumento da oferta de petróleo dos países não-OPEP em 2020. A evolução da oferta petrolífera dos países não-OPEP está muito dependente do seu principal contribuidor, os EUA, que em 2020 deverá registar uma desaceleração da produção em resultado da diminuição do investimento e da redução das actividades de perfuração nas explorações de petróleo de xisto.

Na OPEP, os cortes de produção acordados em Dezembro de 2019 vão-se manter até Março de 2020, estando previsto que nos dias 5 e 6 desse mês o grupo se reúna e reveja o acordo. A organização tem conseguido com estes cortes sustentar os preços do barril de crude em torno dos USD 60 e as estimativas da procura pela matéria prima em 2020 sugerem que estes cortes se possam manter por mais tempo.

É expectável que os eventos geopolíticos, nomeadamente na região do Golfo Pérsico, continuem a afectar de forma muito significativa o mercado mundial de petróleo. Como se viu pelo ataque às instalações petrolíferas Sauditas em Setembro de 2019, os conflitos armados podem causar grandes disrupções na oferta global da matéria prima, causando acentuadas subidas dos preços. A tensão no Médio Oriente foi agravada nos primeiros dias de 2020 com o ataque dos EUA no Iraque que matou o comandante da força de elite iraniana e a consequente resposta e ameaças por parte do Irão. Este conflito pode causar ataques a infra-estruturas petrolíferas, o que constitui uma ameaça à oferta da matéria prima nos mercados internacionais.

A contribuir de forma positiva para a procura global pela matéria prima destaca-se o aliviar das tensões comerciais entre os EUA e a China com a assinatura da primeira fase do acordo comercial entre os dois países e a expectativa da inversão da tendência negativa da actividade industrial. Adicionalmente há vários factores que continuam a suportar o aumento da procura por petróleo em 2020 e nos próximos anos, entre os quais se destaca o aumento e a solidez das vendas do sector automóvel (nomeadamente em grandes mercados de países fora da OCDE como a Tailândia, Brasil, Rússia e Índia) e os aumentos de procura na aviação (que é o segmento dos transportes que terá um crescimento mais rápido da procura por petróleo nos próximos anos), na indústria petroquímica (principalmente na China e nos EUA) e dos sectores tradicionais (como o residencial, o comercial e o agrícola, cuja procura está em declínio nos países mais desenvolvidos) nos países não-OCDE.

Desafios dos países petro-dependentes

Nos próximos anos, factores estruturais relacionados com os ganhos de eficiência e a substituição dos combustíveis fósseis, especialmente nos sectores residencial e industrial e na produção de energia, continuarão a consolidar-se e a afectar de forma negativa a procura por petróleo. De acordo com o relatório "Perspectivas Mundiais para a Energia" (*World Energy Outlook*), divulgado pela Agência Internacional da Energia (IEA) em Novembro de 2019, a procura de crude a nível mundial

atingirá o seu pico em torno de 2030 e estagnará a partir daí.

Entre os factores que estão a contribuir para a estagnação da procura por petróleo mencionados pela OPEP no relatório *World Oil Outlook 2040* de 2019, destacam-se a diminuição das actividades económicas que requerem um consumo intensivo de energia/petróleo, a implementação de medidas de aumento de eficiência, que se traduzem numa redução do consumo dos combustíveis derivados do petróleo (sendo as mesmas particularmente significativas nos transportes rodoviários) e a contínua substituição do consumo de petróleo (em especial pelo gás natural).

Os países cujo rendimento é excessivamente dependente do sector petrolífero, como Angola, enfrentam uma grande volatilidade dos ciclos económicos face à dependência das suas receitas em relação aos mercados internacionais de petróleo. A desaceleração da procura por petróleo e o aumento de produção a partir de novas fontes como o xisto representam um novo desafio para estes países dado que pressionam a descida do preço da matéria prima nos mercados internacionais e podem dificultar o escoamento da produção. Dada a fraca diversificação das exportações angolanas, estes constrangimentos levarão a uma maior escassez de entrada de moeda estrangeira.

Para além de reformas que visem a diversificação económica e contenção de despesas, de forma a reduzirem a sua dependência face à produção petrolífera e a robustecerem as suas economias, os países petro-dependentes também devem reformar o sector energético, com medidas que potencializem o mesmo e promovam a eficiência energética.

O relatório da IEA intitulado *Outlook for Producer Economies* sugere um conjunto de respostas para o sector energético dos países petro-dependentes, nomeadamente através da obtenção de mais valor dos hidrocarbonetos (por exemplo pela actividade petroquímica), da exploração de gás natural e das energias renováveis (especialmente da energia solar) e da garantia de um investimento suficiente nas actividades de exploração e produção de petróleo. No lado do consumo energético, estes países devem ter uma política fiscal que desincentive os desperdícios energéticos e implementar novas tecnologias como a captura, o armazenamento e a utilização do carbono.

Este documento foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda.

Autor da publicação:

Tiago Marques, Consultor Económico

Email: tiago.marques@easypeople.co.ao

Relatório completo a 16 de Janeiro de 2020, 18:00 (GMT+1)

Relatório divulgado a 24 de Janeiro de 2020, 12:00 (GMT+1)

Este relatório é divulgado somente pelo site da Kitambo Business Consulting.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao



KITAMBO BUSINESS CONSULTING

Este relatório de pesquisa foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda. Este é fornecido apenas para fins informativos e não deve ser considerado como uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra ou venda de instrumentos (ou seja, instrumentos financeiros aqui mencionados ou outros interesses no que diz respeito a tais instrumentos financeiros).

O relatório de pesquisa foi preparado de forma independente e exclusivamente com base em informações disponíveis publicamente que a Kitambo Business Consulting considera confiáveis. Apesar de ter sido tomado um cuidado razoável para assegurar que o seu conteúdo não é falso ou enganoso, não é feita nenhuma representação quanto à sua exactidão ou integridade sendo que a Kitambo Business Consulting não assume qualquer responsabilidade por qualquer perda directa ou consequential, incluindo, sem limitação, qualquer perda de lucros, decorrente da confiança neste relatório de pesquisa.

As opiniões aqui expressas são as opiniões dos analistas responsáveis pela elaboração do relatório de pesquisa e reflectem o seu julgamento de acordo com a data deste documento. Estas opiniões estão sujeitas a alterações e a Kitambo Business Consulting não se compromete a notificar qualquer destinatário deste relatório de tais alterações nem de quaisquer outras alterações relacionadas com as informações fornecidas aqui. A KBC não se responsabiliza por qualquer perda de qualquer pessoa com base nesta publicação.

A KBC é uma empresa de consultoria de gestão, fundada em Angola e conhecedora do mercado africano. Para mais informações visite www.kbc.co.ao